Breves apontamentos sobre a greve da FFP – UERJ

Rápido balanço (2016)

22 de junho de 2016

A greve já era mais que prevista desde o início de 2015 e, claro, muito antes disso. Toda a violência da precarização e da sistemática privatização das universidades não deixa outra saída aos educadores a não ser a paralização das atividades para organizar-se em luta contra o Estado e o capital. Em maio de 2015 a ASDUERJ fretou dois ônibus para a FFP para uma manifestação que envolveu as unidades da UERJ tendo o destino final o Palácio Guanabara. Chegando lá uma comissão de representantes do sindicato foram recebidos pela burocracia estatal funcionando como um método eficaz para o arrefecimento do ato até o seu quase completo esvaziamento. Quando os representantes saíram não trouxeram nenhuma informação concreta além de uma nova data de encontro com o Estado. Isso gerou reações exaltadas por parte de alguns estudantes. Ainda assim mesmo com o abandono total do Estado com relação às pautas e todo o contexto de repressão aos atos e ocupações da UERJ o sindicato não se sensibilizou em encampar uma luta frontal contra todo esse estado de coisas. Na unidade da FFP quando se falava em greve com ocupação os professores e a burocracia acadêmica de tudo fez para deslegitimar e desarticular essa possibilidade inclusive se colocando frontalmente contra nas assembléias da unidade. Foi preciso, portanto, forjar uma frente de esquerda entre setores partidários e autônomos que de fato organizasse uma ocupação a revelia dos professores e da burocracia acadêmica. Essa ocupação não se deu sem problemas, obviamente, pois já num primeiro momento se viu abandonada pelo sindicato e por quase todos os poucos professores que ali estavam presente. A ocupação da FFP durou 20 dias e nesse tempo o professorado enquanto classe/segmento organizado se fez ausente, exceto pela manifestação de raríssimos professores da unidade. Chegou-se ao ponto dos professores organizarem-se em reunião fechada a revelia da ocupação ignorando toda a estrutura ali formada, inclusive o piquete. A ocupação segui e também foi perdendo forças e no final por um esvaziamento da unidade o que restou foi voltar às atividades normais. Parte da frente que antes ocupou a unidade em novembro de 2015 assim como outros que ali estavam formaram um comando de greve em 2016 (coisa que tentou-se implementar no período dos 20 dias de ocupação mas foram automaticamente refutados estes que queriam aparelhar a ocupação) para encampar a greve atual. É importante destacar aqui que as pautas da

greve de 2016 da FFP pouco ou nada dialogam com as questões que perpassaram o processo de ocupação de 2015. Em primeiro lugar porque a greve burocrática é apenas um subterfúgio para se pleitear pautas muito específicas de setores mais privilegiados da UERJ. Não fosse assim o sindicato não estaria a frente. Em segundo lugar que essa não é uma greve que visa a formação e o trabalho de base na unidade e no município. O horror que o professorado tem das ocupações se reflete numa greve absolutamente esvaziada e sem lastro. Em terceiro plano essa greve não pretende indispor-se com o conservadorismo e com as estruturas de poder da unidade, pois eles já são essa estrutura de poder não podendo indispor-se com si próprios. Por isso foram contra a ocupação da unidade, pois não querem alterar as relações de poder. Outro aspecto fundamental é que a pós-graduação foi e é absolutamente incapaz de organizar-se e fortalecer as lutas pensando, agindo e formulando estratégias contra o inimigo. Os estudantes da pós são adestrados à obediência servil e ao "tempo diferenciado" da pós e negam cinicamente estar apartados do processo de luta. A última reunião de greve da unidade no dia 1/6/2016 reforçou o caráter místico que aqueles que estão a frente da greve insistem em reproduzir. Agora com a nova turma chegando querem mostrar que existe algum ganho, mas não há. O governismo como uma doença infantil, senil e patético aliado ao aparato sindical e seu burocratismo endêmico desde seu processo de cooptação se mostra como única saída a total crise que estamos vivendo. Crise essa estrutural do capitalismo. Os professores querem discutir a greve sem promover qualquer debate crítico ou balanço prévio dos últimos acontecimentos vivendo num eterno imediatismo, elemento fundamental a despolitização do debate. Isso tudo reforça o fato da greve ter um caráter de negociação entre representatividades evitando por isso o trabalho de base a começar pela própria unidade.

Arthur Moura